Entretanto: de sua importância como ponto de partida

However: its importance as a starting point

Réplica de Luis Mauro Sá Martino aos comentários de Francisco José Paoliello Pimenta e Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

Luis Mauro Sá Martino

<https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>
lmsamartino@gmail.com

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Foi pesquisador-bolsista na University of East Anglia, Inglaterra. É professor do PPG em Comunicação e do curso de Jornalismo da Cásper Líbero, onde também edita a revista *Líbero*. Foi coordenador do GT Epistemologia da Comunicação, da Compós (2015-2016). Autor, entre outros, dos livros *Ética, Mídia e Comunicação* (Summus, 2018), *Métodos de Pesquisa em Comunicação* (Vozes, 2018), *Teoria das Mídias Digitais* (Vozes, 2014), *Mídia, Religião e Sociedade* (Paulus, 2016), *The Mediatization of Religion* (Routledge, 2016), *Teoria da Comunicação* (Vozes, 2009) e *Comunicação e Identidade* (Paulus, 2010). Suas pesquisas se voltam à Teoria e Epistemologia da Comunicação e às relações entre Mídia, Política e Religião.

<http://lattes.cnpq.br/0251927939615742>

Entendo que o sentido de uma réplica, tal como pensado na proposta das trocas desta publicação, talvez possa se pautar mais no sentido de um agradecimento pela leitura do que pela tentativa de rebater elementos do relato, explicar pontos levantados ou esclarecer trechos do texto original. À oportunidade de ser relatado, aparentemente restrita ainda na Área, agrega-se a perspectiva anterior de ter seu texto lido e pensado, chance particularmente apreciável diante do volume que toma a produção acadêmica. Escrito e tornado público, o texto coloca-se em uma região de instabilidade, cheia de pontos de flutuação que podem se converter em aportes e entradas para sua leitura.

O relato mostra a possibilidade de uma leitura que se diferencia da escrita proposta, reincidindo sobre ela

e mostrando chaves interpretativas que escapam no momento da elaboração do texto. E, finalmente, recorda que a polissemia do texto implica a pluralidade das leituras – o relato indica uma delas. O enquadramento interpretativo proposto no momento da autoria, com o “auctor” investido de uma suposta *auctoritas*, desmonta-se no momento da *lectio*, a leitura, sempre produtiva, geradora. Assim, o agradecimento aparece relativo aos novos sentidos encontrados no texto e agregados no relato.

Isso afeta nossa própria leitura do texto original, movidos pelo questionamento de entender quais caminhos interpretativos geraram a leitura do relato. Dissemos mesmo aquilo? Esquecemos esta ou aquela indicação? O que parecia um concatenado de ideias escondia saltos argumentativos? A título de exemplo, o relato de Pimenta e Carvalho afirma que o texto “se preocupa mais em explicitar, a partir de suas dimensões, a possível utilidade do conceito do que, propriamente, seus limites”. De fato, em uma leitura posterior, notei que o entusiasmo pela aproximação dos conceitos deixou um espaço restrito para falar de suas fronteiras, restrito à perspectiva de que a empatia não é automática, universal ou gerada de maneira espontânea, mas trata-se de um movimento, um gesto.

Ainda na primeira página, os autores do comentário afirmam que “o autor dedica mais de três páginas para a bibliografia, listando 64 autores e deixando de lado a tendência atual de apresentar somente as obras que, de fato, são utilizadas no texto”. Isso foi, de fato, um motivo de dúvida: ao indicar que as aproximações entre empatia e comunicação não eram inéditas, procurei citar os trabalhos mencionados, quase no exercício de um “estado da arte”, levando à inclusão, na bibliografia, de autoras e

autores brevemente mencionados. Mas a dúvida era técnica: seria possível deixar de lado essas menções? Concorro com a observação dos autores de que, de fato, há um volume curioso de menções.

Um segundo ponto destacado no relato é a respeito das conexões mais amplas entre o conceito de empatia e seu referencial fenomenológico. Pimenta e Carvalho resgatam alguns elementos fundamentais da fenomenologia de Husserl relacionados à experiência do real e sua possibilidade de apreensão cognitiva a partir da redução fenomenológica, a *epoché*, para “ir além da objetividade ingênua e das ciências supostamente objetivas”. O ponto seguinte é, efetivamente, o momento de partir dessa redução para, fazendo uma reflexão sobre a própria consciência, trazer o fenômeno em dimensões que possam transcender sua percepção imediata no sentido de uma espécie de “metapercepção”, uma “percepção da percepção”, que possibilitaria ao mesmo tempo um conhecimento da consciência de si e do objeto, transformando a dualidade sujeito-objeto em um contínuo, no qual nenhum dos elementos poderia ser isolado.

A essa dimensão acrescenta-se uma segunda, trabalhada por Husserl, relativa ao momento do encontro entre sujeitos. Instaura-se, nesse espaço, algo que, em sua obra, parece ser diferente do conhecimento do objeto inanimado: ao que parece, e certamente isso pode ser ainda explorado e debatido, a existência de uma relação com outros seres sencientes instaura um processo fenomenológico de outra natureza, implicando, no limite – e talvez limitado ao humano, mas isso é outro ponto de debate – uma relação intersubjetiva. É neste ponto do processo fenomenológico que pode ser encontrada a ideia de empatia, como momento posterior ao aspecto cognitivo da relação da consciência com o empírico.

Essa intersubjetividade, e aqui talvez seja possível marcar uma diferença específica da proposta de Stein, é o alicerce para a elaboração do ato de empatizar, posterior ao conhecimento fenomenológico de si e que permite, por isso mesmo, a extensão de seu gesto na direção do outro – e essa ordem de ação inscreve-se em uma temporalidade necessária como condição de possibilidade da empatia.

Realmente, restritos à *epoché*, “estaremos restringindo os processos comunicacionais a pensamentos particulares sobre o empírico”, argumentam Pimenta e Carvalho. Daí a necessidade, e a tentativa, de seguir além desse processo fenomenológico inicial e procurar as condições que possam auxiliar a compreender outras dimensões do ato comunicacional, de onde parece se impor trabalhar não apenas com Husserl, mas com autoras e autores que seguiram trilhas abertas, mas não exploradas por ele.

Nesse ponto, o aspecto da fenomenologia mais próximo das relações de comunicação parece não ser propriamente a questão da redução fenomenológica, mas sobretudo o conceito de intersubjetividade que parece incluir em si, ou melhor, permitir, a partir de si, uma perspectiva comunicacional pautada no âmbito do conhecimento da relação – que, certamente, pode incluir as variadas dimensões sgnicas existentes nos vários níveis possíveis de interação.

Finalmente, há aspectos muito interessantes também a pensar a partir do relato, como considerar as diferenças nas concepções de fenômeno em Husserl, Stein e Peirce, bem como algumas das possibilidades da empatia dentro de uma perspectiva semiótica – ou, até mesmo, em que medida caberia se falar nesses termos a partir de outro referencial teórico.

Um diálogo a prosseguir.